

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Dicionário Etimológico em Neurociências

Professora Dra. Sandra de Quadros Uzêda
Professora Titular Disciplina de Anatomia humana
Departamento de Ciências da Vida DCV
Universidade do Estado da Bahia.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Dicionário Etimológico em Neurociências

A

Acéfalo – do grego *A(n)*, sem, ausência e *Kephal*, cabeça. Que não tem cabeça.

Acidente – do latim *Ad*, junto, *Cad(ere)/-cid(ere)*, queda; *Nte(m)*, que faz, que ocorre. Fato imprevisto ou doença que ocorre derrepente, tal como acidente vascular cerebral, ataque isquêmico transitório.

Acme – do grego *Akme*, ponta, extremo. Período de maior intensidade de uma doença.

Acrocentrico – do grego *Acros*, extremidade. Normalmente este termo é utilizado para cromossomas que apresentam um centrômero localizado numa das extremidades. Seriam denominados de cromossomos acrocêntricos.

Acromático – do grego *A*, negação e *Cromatos*, cor. Sem cor. Pessoa que não consegue ver cores. No entanto, em citologia existe este termo derivado da palavra grega *Acros*, extremidade. Neste último sentido *ambem* refere-se ao fuso acromático ou fuso mitótico que é uma estrutura celular efêmera, constituída por microtúbulos que permitem o deslocamento dos cromossomas durante a divisão celular.

Actina – do grego *Aktin* (o), raio, com filamentos e *Īn* (a), substância. Termo utilizado por Szent Györgyi, em 1942, pelo aspecto filamentoso. É uma proteína constituinte dos filamentos finos ou microfilamentos, um dos componentes fundamentais do citoesqueleto das células eucariotas. Esta proteína forma os microfilamentos finos (miofilamentos) presentes no sarcômero da célula muscular.

Acústico – do grego *Akustykós*, auditivo, acústico e *Akoamai*, ouvir.

Adenohipófise – do grego *Aden*, glândula, *Hypo*, abaixo e *Physis*, sulco de crescimento. Esta palavra foi criada por Berblinger em 1932.

Aderência – do latim *Adherentia*, adesão. *Ad*, perto de, e *Hoerere*, grudar.

Adesão – do latim *Ad*, para, e *Hoerere*, agarrar, grudar.

Adrenal – do latim *Ad*, perto e *Ren*, rim. Termo usado por Aristóteles para as glândulas situadas junto ao rim de ovelhas (na realidade, linfonodos aórtico-renais). No homem, estas glândulas foram aparentemente descritas por Bartolommeo Eustáchio, em 1563. O termo utilizado na nomenclatura anatômica para essa glândula é suprarrenal.

Adrenalina – do latim *Ad*, ao lado de; *Ren*, rim, e a terminação *Ina* para indicar princípio ativo, substância ativa, da glândula suprarrenal. Este termo foi criado pelos pesquisadores britânicos George Oliver (1841-1915) e Edward Sharpey-Schafer (1850-1935), os quais demonstraram, em 1895, que a injeção intravenosa do extrato de glândulas suprarrenais produzia contração das

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

artérias, aceleração do ritmo cardíaco e aumento da pressão arterial. Nos Estados Unidos, em 1899, John Jacob Abel (1857-1938), da Johns Hopkins Medical School isolou a mesma substância e denominou-a "epinefrina" do grego: *epi*, em cima, sobre + *nephros*, rim.

Aferente – do latim *Afferre*, trazer para, *Ad*, perto e *Ferre*, trazer. Quer dizer o que leva para dentro, ou junto de. Em anatomia e fisiologia refere-se ao movimento em direção a um centro de referência.

Agnesia – do grego *A(n)* não e *Genne*, que gera, que forma. Que não se forma.

Algesia - do grego *Algía*, dor.

Amígdaloide – do grego *Amygdalé*, amêndoa e *Oidés*, forma de. Dá nome a um dos núcleos da base do cérebro, com forma de amêndoa, junto à cauda do núcleo caudado. Em latim, o correspondente é *Tonsilla*.

Amielínico – do grego *A(n)*, sem; *Myel(o)* medula e *īn(a)*, substância química. Refere-se a axônios que não apresentam bainha de mielina.

Amígdala – do grego, *Amygdalè*, amêndoa. O termo apareceu com os tradutores de Avicena, para designar estruturas semelhantes a amêndoas.

Anastomose – do grego *Ana*, através de, e *Stoma*, boca, entrada. Ligação por meio de uma boca. A primeira menção das junções tubulares boca a boca foi utilizada por Erasístrato, que utilizou o termo *sinanastomosis* para se referir as pretensas junções arteriovenosas. Deve-se preferir utilizar esse termo em relação aos vasos sanguíneos.

Anatomia – do grego *Anatomichós*, cortado, dissecado, *Ana*, através de, *Tomo*, cortar; e *Anatome*, corte, secção. As primeiras disseções anatômicas para fins científicos parecem ter sido realizadas pelos gregos. Hipócrates, Erasístrato e Herófilo e tornaram a anatomia um dos campos de estudo da medicina. André Vesálios é considerado o pai da anatomia moderna devido ao magnífico livro “*De Humani Corporis Fábrica*”. Inicialmente considerada apenas uma técnica para estudar o corpo humano, a anatomia logo passou a designar o método e finalmente a ciência geral da estrutura.

Anencefalia – do grego *An*, sem, *Enkephalos*, encéfalo. A anencefalia consiste em malformação do tubo neural acontecida entre o 16° e o 26° dia de gestação, caracterizada pela ausência parcial do encéfalo e da calota craniana, proveniente de defeito de fechamento do tubo neural durante a formação embrionária. Esta é a malformação fetal mais frequentemente relatada pela medicina.

Aneurisma – do grego *Ana*, através, parte de e *Eurys*, grande, largo. Aneurisma é uma patologia provocada pela dilatação segmentar, de formato variável, de uma parte do vaso, geralmente arterial (artéria) ou menos frequentemente venoso (veia).

Aparelho – do latim *Apparatus*, preparação, apetrecho, máquina. Utilizado inicialmente para designar apenas um conjunto ou uma coleção de instrumentos para determinado fim, passou depois a nomear estruturas ou órgãos com a mesma finalidade. Tem como sinônimo o termo grego *Systema*. No entanto, em anatomia sistema não é sinônimo de aparelho, pois este último abrange um conjunto de órgãos e estruturas que atuam em combinação para realizar uma

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

função, assim, podemos designar aparelho locomotor abrangendo os sistemas, muscular, articular e esquelético.

Aqueduto – do latim *Aqua*, água, *Ductus*, condução, *Ducere*, conduzir, guiar. Em anatomia o termo é utilizado para uma passagem através de certa estrutura para conduzir líquido claro. Na Roma antiga os aquedutos eram engenhosos projetos de transporte de água potável, de especial importância para o suprimento de banhos e decisivos para higiene pública. Eram grandes extensões de encanamentos elevados que traziam água de rios vizinhos.

Aracnóide – do grego *Arachnè*, aranha, ou sua teia, e *Eidos*, semelhante. O termo foi aplicado à meninge entre a dura-máter e a pia-máter em 1664, por Frederick Ruysch, anatomista holandês.

Arquencéfalo – do grego *Arkh*, começo, elemento inicial e *EnKephal(o)*, interior da cabeça. Termo utilizado em neuroanatomia e na formação do sistema nervoso. No arquencéfalo distinguem-se inicialmente três dilatações, que são as vesículas encefálicas primordiais denominadas: prosencéfalo, mesencéfalo e rombencéfalo. Com o subsequente desenvolvimento do embrião, o prosencéfalo dá origem a duas vesículas, telencéfalo e diencéfalo.

Arteriosclerose – do grego *Era*, ar; *Terein*, conservar; *Skleros*, duro, e *Ose*, estado. Endurecimento dos tubos que conduzem ar ou “artérias”.

Astrócito – do grego *Ástron*, astro, estrela e *Kyto*, célula. Célula da neuroglia de origem ectodérmica com prolongamentos citoplásmicos fibrosos que lhe dão o aspecto de uma estrela.

Astroglia - do grego *Ástron*, astro e *Glia*, cola. Conjunto de células com aspecto estrelado presentes na glia nervosa (neuroglia).

Atlas – do grego *Atlas*, eu sustento. Gigante mitológico de força descomunal, filho de Iápeto e Clímene, que após a derrota dos Titãs para os Deuses foi condenado, por Júpiter, a sustentar o mundo nos ombros, sendo esta a imagem do Titã que esta perpetrada por muitos escultores. Na anatomia nomeia a primeira vértebra cervical que, por analogia sustenta a cabeça. Galeno chamava esta vértebra de Protospondio (do grego *Protos*, primeiro e *Spondylos*, espinha, vértebra). Foi apenas na época de Vesálio (1540) que se passou a denominar Atlas a primeira vértebra cervical.

Axis – do latim *Axis*, eixo e do grego *Axon*, eixo ou *Ago*, eu carrego. Hipócrates chamava a vértebra de odont, por causa de seu processo e Galeno denominava-a de *dentiformis*. Celso parece ter sido o primeiro a designar a segunda vértebra cervical por este nome, pelo fato de a primeira girar sobre ela com em um eixo. Até a época de Vesálio (1540) apenas o processo *odontóide* (ou dente) desta vértebra era chamado de axis, por sua semelhança a um “pivô”. Pollux chamou-a inteiramente de axis e Vesálio confirmou este nome para todo o osso.

Axônio – do latim *Axis*, ou do grego *Áxon*, eixo. O axônio é uma projeção, longa e fina de uma célula nervosa (neurônio), que conduz os impulsos elétricos para longe do corpo do neurônio.

Axoplasma – do grego *Áxon*, eixo e do latim *Plasma*, criatura ou do grego *Plásm(a)*, líquido constituinte. Citoplasma do axônio de uma célula nervosa.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

B

Bainha – do latim *Vagina*, qualquer bainha ou estojo, como da espada.

Barorreceptor - do grego *Bar(y)*, pesado, grave, *O* do grego e do latim *Re*, para trás, repetição, com intensidade, *Cēp* (latim), colher, receber e *Tōr(em)*, também do latim, que faz. É um receptor sensorial que monitoriza as alterações na pressão sanguínea. Esses receptores estão localizados em artérias sistêmicas (seios aórtico e carotídeo). Ativação do reflexo barorreceptor reduz a frequência cardíaca e provoca vasodilatação.

Basal - do grego *Básis*, apoio, fundação.

Basilar – do grego *Básilon*, apoiado, sustentado. Termo sugerido por Barclay, designando “em direção à base do crânio”. A idéia do crânio, com “base e paredes” foi introduzida por Avicena.

Bastonete – do francês *Baston*, em forma de bastão pequeno. Em histologia são células em forma de bastão na retina, que conseguem funcionar com baixos níveis de luminosidade, porém incapazes de identificar cores.

Braquicéfalo – do grego *Brakhy* curto e *Kephal*, cabeça. Aplica-se a pessoa cujo crânio é quase redondo, porque seu diâmetro maior excede em menos de um quarto o menor (por tanto, é curto). Diz-se de pessoa que têm o diâmetro transversal do crânio igual ou superior ao anteroposterior. Este tipo de crânio é comum entre os asiáticos. Vide o termo dolicocefalo.

Bregma – do grego *Brechein*, amolecer, umedecer. O termo foi introduzido por Aristóteles, referia-se à parte “mais mole” do crânio do recém-nascido e a última a se ossificar. A palavra (ou um similar arcaico, Bregmos) também foi empregada por Galeno para designar o “ápice do crânio”. Foi reintroduzida no vocabulário anatômico por Colombo, no século XVI, com o sentido atual de “fontículo anterior”. O ponto craniométrico homônimo (ponto de união das suturas coronal e sagital) foi descrito por Broca.

Bulbo – do grego, *Bolbos*, bulbo, especialmente da cebola.

C

Cabeça – do latim *Caput*, cabeça e do Grego *Kara* ou *Kephalos*, da cabeça. Vesálio dava este nome a extremidade arredondada de um osso e Galeno, a qualquer estrutura esferóide sobre um estreitamento (colo ou pescoço). A palavra *Kephalos* foi traduzida, para o latim, de várias formas: *caput*, *nodum*, *articulum*.

Calcarino – do latim *Calcarinus*, relativo ou em forma de esporão.

Caloso – do latim *Callosus*, caloso duro, *Callum*, pele dura, crosta. A palavra em latim provavelmente derivou do grego *Kalon*, madeira. O *Corpus callosum* pode ser assim denominado por Galeno tanto por ser mais rígido que o restante do tecido cerebral quanto por ser mais rígido que o restante do tecido cerebral quanto por constituir um largo feixe de fibras nervosas

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

comissurais, lembrando a estrutura de uma tora ou lenho. O termo foi reintroduzido por Sylvio em Anatomia e apareceu impresso pela primeira vez nas obras de Vesálio. Daí o nome “calo” para o endurecimento da pele, ou após fratura óssea.

Calvária – do latim *Calvaria*, abobada do crânio, *Calvus*, escalpo, calvície. O termo inicialmente referia-se à porção do crânio coberta por cabelos, mas Celso usava-o para designar apenas a parte mais alta (abobadada) da cabeça. Era, originalmente, o nome da colina sem vegetação, perto das muralhas de Jerusalém que os romanos usavam como local de crucificação, onde Jesus, o Cristo, foi supliciado.

Canal – do latim *Canalis*, canal, sulco profundo.

Cariótipo – do grego *Karyon*, semente ou núcleo e *Typos*, forma. É o conjunto de cromossomas que são contados, fotografados e montados em uma prancha para o estudo e verificação da existência de anomalias relacionadas com o número ou com a forma. É o conjunto cromossômico ou a constante cromossômica diplóide (2n) de uma espécie. Representa o número total de cromossomos de uma célula somática (do corpo).

Cauda – do latim *Cauda*, rabo, cauda e *Coda*, fim, extremidade ou *Cadere*, cair, pender.

Cavernoso – do latim *Cavernosus*, relativo à caverna, porão. Em anatomia designa uma estrutura formada por múltiplas cavidades (cavernas) ou compartimentos, como os corpos cavernosos do pênis e os seios cavernosos da dura-máter.

Cefálica – do grego *Kephale*, cabeça. Alguns autores alegam que o nome foi dado à veia do membro superior porque se acreditava que a sangria nela praticada fosse curativa da cefaléia. Outros, que o nome é a tradução literal do árabe *Al-kephalik* (lateral). Este termo aparece no “Canon” de Avicena, significando a veia do braço localizada nesta posição (veia basilíca).

Cefalorraquidiano – do grego *Kephale*, cabeça, e *Rhakis*, espinha. Atualmente prefere-se o termo cerebrosplinal.

Cerebelo – diminutivo latino de *Cerebrum*. Embora a palavra *Cerebellum* seja diminutiva de *Cerebrum*, era usada no latim cotidiano apenas para designar este órgão em animais, quase que exclusivamente em termos culinários (como miolos, em português). Em anatomia, Erasístrato dividiu o encéfalo em *Cerebrum* e *Cerebellum*, termos adotados por Galeno.

Cérebro – do latim *Cerebrum*. Apesar de que em forma leiga, a palavra *Cerebrum* pudesse designar todo o encéfalo, Erasístrato dava este nome apenas à grande massa de dois hemisférios que ocupava a maior parte do crânio. É provável que a palavra tenha derivado do grego *Kara*, cabeça, porque sua forma latina mais arcaica era *Carabrum*.

Cervical – do latim *Cervicalis*, nugal, do pescoço, *Cervis*, nuca pescoço. O termo *Cervix* (plural, *Cervicis*) passou a designar em anatomia qualquer estrutura estreitada sob uma forma arredondada, como o pescoço (ou colo). Assim, temos colo ósseo, colo uterino etc.

Ciático – do latim *Sciaticus*, forma corrompida e incorreta de *Schiadicus*, isquiático.

Cíngulo – do latim *Cingula*, cilha, cintura e *Cingere*, prender pela cintura ou *Cingulus*, faixa de terra. Em anatomia, designa qualquer estrutura que abraça ou rodeia outra. Um tipo especial de

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

cíngulo, em Roma, eram as Zonoe (zona). Por analogia com cinto, Ovidio utiliza esta palavra, modificada, para nomear uma faixa estreita de terra.

Cinzenta – do latim *Cinis*, cinza, resíduo de queima.

Cóccix – do grego *Kókkyx*, cuco (pássaro). Herófilo e posteriormente Vesálio chamou assim os últimos ossos da coluna vertebral por sua semelhança, em conjunto, com a forma do bico deste pássaro. Jean Riolan (1620) dá outra explicação, pois alega que na emissão de gases pelo ânus, o som “reverbera” no cóccix e parece soar como o grito da ave, daí um termo muito antigo usado para cóccix, “o osso do assobio”.

Cóclea – do latim *Cóclea*, concha ou caracol, do grego *Kochlias*, concha em espiral. O primeiro anatomista a dar este nome foi Empédocles, acreditando que os sons eram ali recebidos. A cóclea somente foi detalhadamente descrita por Bartolommeo Eustachio (1553) e nomeada por Gabriell Fallopio, em 1561.

Coluna – do latim *Columna*, coluna, apoio, sustentáculo.

Comissura – do latim *Commissura*, união, e *Committere*, unir.

Confluência – do latim *Confluens*, reunião e *Confluere*, confluir, reunir as águas. O primeiro a descrever, na região posterior do crânio, o encontro dos seios venosos da dura-máter, foi o anatomista grego Herófilo e esta estrutura foi posteriormente reconhecida por Galeno. Na idade média, ficou conhecida como tórcula ou prensa de Herófilo, por causa da semelhança de forma com a parte posterior da prensa de uvas. O nome completo atualmente conhecido da confluência dos seios é *Confluens sinuum*.

Córnea – do latim *Corneus*, de consistência de corno ou chifre. A córnea ocular recebeu essa denominação por ser a primeira camada ou a mais espessa das membranas oculares.

Corniculado – do latim *Corniculatum*, que tem um pequeno chifre e *Corniculum*, diminutivo de *Cornu*, corno, chifre. O *corniculum* era um pequeno adorno em forma de chifre no capacete, uma espécie de penacho metálico, outorgado como recompensa pelo soldado romano por serviços prestados em campanhas estrangeiras.

Corno – do latim *Cornu*, corno, chifre; no grego *Keras*, corno. Essa palavra tem vários sentidos. O próprio chifre é um símbolo fálico, representante do sagrado masculino. Corno da abundância, símbolo da produtividade da natureza. Pode ser o símbolo da abundância, pois na mitologia grega, há duas histórias sobre sua origem (cornucópia). Em uma, Hércules e um deus fluvial tiveram uma disputa. Quando o rio assumiu a forma de um touro, Hércules arrancou um de seus cornos e o encheu de flores para a deusa da abundância. Segundo outro relato, o menino Zeus teria se alimentado com o leite de uma cabra. Zeus deu um dos cornos da cabra para suas amas, como uma lembrança por seus cuidados. O corno era capaz de se encher de qualquer coisa que seu dono desejasse. Para os Vikings representava o poder. No entanto, existe o termo chulo, que representa o traído.

Coroa – do latim *Corona*, coroa, roda.

Coróide – do grego *Khór(ion)* membrana e *Oidés*, forma de. Membrana delgada, de cor parda mais ou menos escura, situada entre a esclerótica e a retina dos olhos dos vertebrados.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Coronal – do latim *Coronalis*, relativo à coroa. Hipócrates não nomeava esta sutura embora Rufo de Éfeso alegasse que seu nome havia sido dado pelos egípcios. Uma possibilidade para este nome vem da tiara ou meia coroa usada pela rainha (que era proibida de usar a coroa completa), usada quase exatamente sobre esta sutura, para segurar as madeixas que estas nobres costumavam usar.

Córtex – do latim *Córtex*, casca de árvore, pele de fruta, invólucro. A palavra cortiça deriva diretamente de córtex, nome dado à casca de árvores lenhosas como o sobreiro e de onde ela é extraída. A grafia correta em português deveria ser córtice, mas este termo não é usado. Em anatomia, córtex significa o revestimento externo de um órgão, em oposição ao seu interior (medula).

Crânio – do grego *Kranion*, crânio e *Karaníon*, relativo à cabeça. Em latim o termo utilizado para cabeça é *Cara*, *Calvária*, em aramaico por sua vez é *Gólgota*.

Cribiforme – do latim *Cribrum*, crivo, peneira e *Formis*, em forma de.

Crista – do latim *Crista*, crista, penacho.

Crista Galli (Crista etmoidal) – do latim *Crista*, crista, penacho e *Gali*, do galo. Crista de galo, assim chamada por sua semelhança à crista de galo. Atualmente na nomenclatura anatômica essa crista é denominada de crista etmoidal. Essa crista é uma projeção medial óssea do osso etmóide, para dentro da cavidade craniana, no meio da lâmina cribiforme e serve para a fixação da foice cerebral.

D

Dartos – do grego *Dartós*, esfolado, sem pele, *Deirein*, esfolar. A palavra deriva do sânscrito *Dartis*, que significa couro e parece ter sido inicialmente usada para nomear preparações anatômicas sem a pele. Este termo foi utilizado pela primeira vez por Rufo de Éfeso para designar o revestimento externo dos testículos, por causa de sua aparência. A palavra *Dàrton*, em grego, designava uma espécie de túnica rústica, mas é pouco provável que o músculo tenha recebido daí seu nome.

Decídua (a) – do latim *Deciduus*, caído, que cai, *Decidere*, cair. Termo que designa estruturas que se destacam naturalmente de seus suportes. Em anatomia nomeia os dentes da primeira dentição (dentes de “leite”) e, na forma feminina (Decídua), a parte do endométrio onde o ovo se implanta.

Declive – do latim, *Declivis*, ladeira, inclinação.

Decúbito - do latim *Decubitus*, deitado. É um termo médico que se refere à posição da pessoa que está deitada, não necessariamente dormindo. Pode ser referido como: Decúbito dorsal (pessoa que deita com a barriga voltada para cima; Decúbito ventral pessoa que se deita de bruços; Decúbito lateral - esquerdo ou direito). Alguns decúbitos preferidos podem ser sinais de algumas doenças cardíacas e pneumológicas.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Decussação – do latim *Decussatio*, cruzado, *Decussare*, cruzar. Nome popular de antiga moeda romana que trazia seu valor cunhado. O algarismo X. Ex: Decussação das pirâmides.

Dendrito – do grego *Déndron*, árvore, ramificado. Na histologia representam as ramificações citoplasmáticas do neurônio, que partem do corpo da célula. Servem para ampliar a área de recepção eletroquímica recebida de outras células neurais para o corpo celular ou soma.

Dente – do latim *Dente*, dente. A palavra parece ser uma forma abreviada de *Edens*, comestível, associada à *Edare*, comer. O plural de *Dens* é Dentes. A palavra grega para dente é *Odous* que, em português deu “*Odonto*” e é usada como afixo. Em anatomia também qualquer projeção ou saliência semelhante a um dente. Ex: processo odontóide do eixo.

Dentado – do latim *Dentatus*, que tem dentes, dentado. Ex: Núcleo dentado.

Denticulado – do latim *Denticulatus*, com pequenos dentes. Os ligamentos denticulados da pia-máter foram notados pela primeira vez por Casper Bauhin.

Dermátomo – do grego *Derm*, pele, *Tomos*, corte. É uma palavra que significa literalmente "corte de pele". Um dermatomo é uma área da pele que é inervada por fibras nervosas que se originam de um único gânglio nervoso espinal.

Descendente – do latim *Descenden*, que desce e *Descendere*, descer.

Desmossoma – do grego *Desmo*, atadura, ligamento; e *Soma*, corpo, corpúsculo. Espessamento especializado da membrana celular de algumas células que serve para fixá-las às células adjacentes.

Detrusor – do latim *Detrudere*, repelir, expulsar, e *Actor*, agente.

Diencefalo – do grego *Dia*, entre, através; e *Enkephalous*, cérebro. Aqui a palavra significa “o que está entre o cérebro”, entre os dois hemisférios cerebrais.

Díploe – do grego *Diploè*, cobertura, *Diplòos*, duplo. Hipócrates usava o termo para as camadas fasciais que cobriam os ossos do crânio, mas Ruffo utilizava-o para o tecido entre as lâminas compactas dos ossos da abóbada craniana. Após os trabalhos de Breschet, em 1830, este sentido prevaleceu. Nos primórdios da cirurgia, a palavra foi utilizada para designar uma dobra de tecido com compressa ou gaze no seu interior.

DNA (abreviatura de ácido desoxirribonucléico) – do espanhol *Des*, não, do grego *Ox(y)*, oxigênio, *Rib*, aldopentose, e do latim *Nucle(um)*, núcleo, mais o radical grego *Ik-os/-ê*, do. Termo criado por Levene em 1931, a partir da desoxirribose. Polímero presente no núcleo das células que representa o material genético.

Dolicocéfalo – do grego *Dolikho*, largo e *Kephal*, cabeça. Aplica-se a pessoas cujo crânio é de figura muito oval, porque seu diâmetro maior excede em mais de um quarto o menor. Este tipo de crânio é muito comum entre os caucasianos. Vide o termo braquicefálico.

Dorsal – do latim *Dorsalis*, dorsal, das costas.

Dorso – do latim *Dorsum*, dorso, relativo às costas.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Dura-máter – do latim *Dura*, dura, forte, severa e *Mater*, mãe protetora.

E

Eco – do grego *Eko*. Era uma bela ninfa da Mitologia grega. Eco amava os bosques e os montes onde muito se distraía. Era querida por Diana a quem acompanhava em suas caçadas. Tinha, no entanto, um defeito: falava demais e sempre queria dar a última palavra em qualquer conversa ou discussão. Em certa ocasião, a deusa Hera desconfiou, com razão, que seu marido Zeus se divertia com as ninfas. Enquanto as ninfas se escondiam de Hera, Eco tentou distraí-la com uma conversa e, no entanto, foi castigada: só seria capaz de falar repetindo o que os outros dissessem.

Écrino (a) – do grego *Ek(s)*, fora, de dentro para fora e *Krynos*, secreção, *Krīn*, secretar, segregar, separar. Glândulas ou células que produzem secreção sem que ocorra a ruptura do citoplasma das células.

Ectoderme – do grego *Ek-to*, externo e *Derm*, camada. A camada ou folha mais externa dos três folhetos que formam o embrião.

Ectópico – do grego *Ek*, fora e *Topos*, lugar, significa fora de lugar ou deslocado.

Edema – do grego *Oedema*, inchaço. Refere-se ao fato do tecido conter excesso de líquido tecidual. Edema refere-se a um acúmulo anormal de líquido no espaço intersticial devido ao desequilíbrio entre a pressão hidrostática e osmótica.

Eferente – do latim *Eferre*, levar para fora, tirar. O que leva para fora (ou que tira). Refere-se especificamente a axônios com impulso nervoso ou a movimento de fluídos de um centro de referência em direção à periferia.

Eixo – do latim *Axis*, eixo.

Elipsóide – do grego *Elleipsis*, elipse, e *Oidés*, forma de.

Elíptico – do grego *Elleiptykós*, relativo à elipse.

Embrião – do grego *Embryo*, embrião. Conceitua-se embrião o período que ocorre desde a segunda até a sétima semana depois da fecundação, etapa conhecida como período embrionário onde ocorre intensa diferenciação celular. O período embrionário termina na 8ª semana depois da fecundação, quando o conceito passa a ser denominado de feto.

Eminência – do latim *Eminentia*, elevação, acréscimo.

Encéfalo – do grego *Enkephalos*, cérebro; *En*, dentro e *Kephalos*, cabeça. Parte do Sistema Nervoso situado dentro do crânio.

Endoderme - do grego *Endon*, dentro e *Derm*, folheto, camada. É um dos três folhetos embrionários que forma o embrião, sendo o mais interno.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Endógeno – do grego *Endo*, dentro e *Gen*, gerado.

Endolinfa – do grego *Endon*, dentro e *Lympha*, água. Este humor, descoberto por Domenico Cotugno, foi detalhadamente descrito por Antonio Scarpa.

Endomísio – do grego *Endon*, dentro e *Mys*, músculo.

Endoneuro – do grego *Endon*, dentro e *Neuron*, fibra, cordão.

Enzima – do grego *Em*, em e *Zym(ē)*, levedura. Vocábulo introduzido por Kühne em 1877 que significa levedura, com a ideia de que catalisa o que está dentro e fora da célula. Proteína que atua como agente catalizador nos processos metabólicos. No final de 1700 e início dos anos 1800 a digestão da carne por secreções do estômago e a conversão do amido em açúcares pela saliva e extratos de plantas já eram conhecidas. No entanto, o mecanismo pelo qual isso ocorria não havia sido identificado. No século 19, quando estudava a fermentação do açúcar em álcool por leveduras, Louis Pasteur chegou à conclusão de que esta fermentação era catalisada por uma força vital contida dentro das células da levedura chamadas fermentos, que se imaginava funcionar apenas nos organismos vivos. Pasteur escreveu que a fermentação alcoólica é um ato correlacionado com a vida e organização das células da levedura, não com a morte ou putrefação das células. No entanto em 1877, o fisiologista alemão Wilhelm Kühne (1837-1900), utilizou pela primeira vez o termo "enzima", que vem do grego *ενζυμων*, *em fermento*, para descrever este processo, referindo que sua ação pode ocorrer sem a presença de organismos e fora dos mesmos. Mais tarde a palavra enzima foi utilizada para se referir a substâncias não vivas, tais como a pepsina, o fermento era a palavra usada para se referir a atividades químicas produzidas por organismos vivos.

Epêndima – do grego *Epi*, sobre, em cima, e *Endyma*, vestimenta.

Epidural – do grego *Epi*, sobre, em cima, *Duralis*, endurecido.

Epineuro – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Neuron*, fibra, cordão.

Epitálamo – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Thalamos*, quarto de dormir.

Equina – do latim *Equinus*, de cavalo, *Equus*, cavalo ou *Equa*, égua. Ex: Cauda equina.

Esclera – do grego *Skleros*, duro, rígido. Camada externa do olho, protetora. É a parte branca do olho.

Esfenóide – do grego *Sphen*, cunha, arado, e *Oidés*, forma de. É provável que Galeno tenha sido o primeiro a descrever este osso que parece estar encravado, como cunha, entre o crânio e a maxila. Outra etimologia vem do grego *Sphein*, mariposa, vespa, por sua forma geral ter certa semelhança com um inseto alado (daí o nome deste osso em alemão ser *Wespenbein*).

Espinal – do latim *Spinalis*, pontudo. Ex: Medula espinal.

Espinha – do latim, *Spina*, espinho. O termo deriva do circo de bigas romano. A pista de corrida era dividida ao meio, por mais de $\frac{3}{4}$ do seu comprimento por um muro de seis metros de largura e dois de altura. Este muro era adornado com estátuas de Deuses e recebia o nome de *Spina*. O termo foi depois empregado para a coluna vertebral porque ela parece separar, não totalmente, a musculatura do dorso do corpo, à semelhança da *Spina* do circo romano.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Espinhal – do latim *Spinalis*, espinhoso, pontudo. O termo espinhal é relativo à espinha, projeção óssea, e não deve ser confundido com espinal, variante relativa à medula espinal, órgão nervoso.

Espinheiro – do latim *Spinus*, pontudo, espinhoso. O mesmo que espinhal. Ex: Processo espinhoso da vértebra.

Espirais – do latim *Spira*, espiral.

Esplâncnico – do grego *Splanchnikos*, relativo às vísceras, visceral.

Esplênio – do grego *Splenion*, curativo, bandagem. Foi dado o nome ao músculo por sua semelhança a uma atadura. Bartolomeo Eustachio e Gabrielle Falloppio dividiram o músculo em duas partes e Albinus nomeou-as *splenius capitis* e *splenius cervicis*. Ex: músculo esplênio da cabeça.

Esqueleto – do grego *Skeletos*, secura, aridez.

Esquerdo – do latim *Sinister*, esquerdo, funesto. Na idade média, a igreja católica determinou que o lado correto para os fiéis fosse o direito, pois os justos, segundo a bíblia, sentar-se-iam a este lado do trono de Deus. Cristo teria distribuído o pão e o vinho na última ceia com a mão direita. Por causa disto, o lado incorreto, dos pecadores seria o lado esquerdo.

Estatéio – do latim *Statipedium*, relativo ao estribo, e *Stapes*, estribo. Duverney nomeou o músculo inserido ao estribo de *musculus stapedis*, mas Albinus chamou-o *Stapedius*.

Esterocílio – do grego *Stere(o)*, duro, sólido, imóvel e *Cilium*, pálpebra, pestana, cílio. Microvilosidade imóvel das células pilosas da cóclea; estão endurecidas pelo citoesqueleto.

Eternocleidomastóideo – do grego *Sternon*, peito masculino, *Kléis*, chave e *Mastoidon*, da mama, mamário. O nome mostra as origens (esterno e clavícula) e inserção (processo mastóideo) deste músculo.

Estilóide – do grego *Stylos*, lança, estaca, gancho e *Óidés*, em forma de.

Estria - do latim *Stria*, canela, estria ondulada de adorno. Na realidade, em sentido mais restrito, a palavra *Stria* significava faixa elevada e o termo era frequentemente usado para descrever o aspecto ondulado. Nada indica, em latim, que a palavra tivesse o sentido de listrado, como conhecemos atualmente. Ex: Estria medular do tálamo.

Estriado – do latim *Striatus*, canelado e *Striare*, canelar, estriar. Ex: Corpo estriado.

Estribo – do latim *Stapes*, estribo. O estribo não era conhecido dos romanos e gregos porque eles não tinham selas de couro para seus cavalos. Eles cavalgavam sobre um cobertor colocado diretamente no dorso dos animais e que era chamado de *Epihippion* (grego *Epi*, em cima, e *Hippos*, cavalo). As selas de couro e os estribos somente foram introduzidos no século IV, pelos otomanos, e os estribos primitivos eram chamados de *Scalae*. O primeiro anatomista a dar nome ao ossículo da orelha este nome foi Giovanni Ingrassias, em 1546, embora se afirme que Bartolomeo Eustachio (1564) tenha sido o primeiro a descrevê-lo.

Etmóide – do grego *Ethmos*, peneira, e *Oidés*, forma de. O osso foi descrito e nomeado por Galeno.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Eucariota – do grego *Eu*, bom, normal, verdadeiro e *Karyo*, semente, núcleo. Células que possuem núcleo bem individualizado, delimitado por membranas.

Eucromatina - do grego *Eu*, boa; *Khrōm(at)*, cor e *Īn(a)* substância. Porção geneticamente ativa dos cromossomos no interior do núcleo. Ao microscópio de luz essa região aparece no interior do núcleo como áreas bem claras indicando DNA descondensado.

Eutanásia – do grego *Eu*, boa e *Tánatos*, morte. Portanto, seu significado etimológico é boa morte. Eutanásia pode se apresentar como um suicídio assistido ou como um homicídio dito piedoso.

Evaginação – do latim *Ex*, fora e *Vagina*, bacia. É uma projeção ou saliência oca que se forma para fora.

Extrapiramidal – do latim *Extra*, externo, fora de, e *Pyramidalis*, relativo à pirâmide. Ex: Via extrapiramidal.

F

Face – do latim *Facies*, face.

Falo – do grego *Phallo*, pênis.

Fáscia – do latim *Fascia*, faixa, cinta, *Fascis*, feixe. A palavra *Fascia* em latim tinha diversos significados, todos com a ideia de atadura. O termo *Fáscia* para designar estruturas largas e fibrosas é recente, antes do século XV, todas as expansões de tecido conjuntivo eram chamadas de aponeuroses.

Fascículo – do latim *Fasciculus*, diminutivo de *Fascis*, feixe. Ex: Fascículo grácil.

Fauce – do latim *Faux*, plural *Fauces*, passagem estreita, garganta. Na antiga casa romana o *Atrium* era o local mais familiar. Entre este e um pátio externo, com pilares e caramanchões (*Peristylō*) Havia duas estreitas passagens, usada apenas pelos escravos, chamadas de *Fauces*. Celso utilizou a palavra no singular para denominar a passagem da boca para a faringe.

Ferormônio – do grego *Pher/phor*, levar; *Hormôn*, que impulsiona, que excita. Substâncias químicas produzidas por um organismo que serve como um estímulo para determinados comportamentos ou respostas fisiológicas.

Feto – do latim *Feo*, *Fetu*, prole. Chama-se de feto o estágio de desenvolvimento intrauterino que tem início após a oitava semana da fecundação, onde já podem ser observados: braços, pernas, olhos, nariz e boca e vai até o fim da gestação. Após o parto, o feto passa a ser considerado um recém-nascido.

Fibra – do latim *Fibra*, fio, fibra de planta. Vesálio utilizou esta palavra com o sentido que hoje se conhece, isto é, de estrutura com características rígidas, fibrosas. Diminutivo - *Fibrila*. Mas o termo, no latim antigo, denominava pequenos segmentos de órgãos (lóbulo).

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Fibrila – do latim *Fibr*, fibra e *Illa*, pequeno. Diminutivo de fibra.

Fibroso – do latim, *Fibrosus*, provido ou feito de fibras.

Filamento – do latim *Filamentum*, fio delgado e delicado.

Filiforme – do latim *Fil(um)*, fio e *Forme(m)*, que tem forma de. Que tem forma de fio.

Filo – do grego *Phyl(o)*, raça, origem. Grupo taxonômico de organismos que do ponto de vista evolutivo, tem um ancestral comum ou geneticamente relacionado.

Filogenia - do grego *Phyl(o)*, raça, origem e *Gen*, tornar-se. A história evolutiva de uma espécie ou grupo que em um ancestral comum ou geneticamente relacionado.

Fímbria – do latim *Fimbriae*, franja, orla. As túnicas romanas com *Fimbriae* nas suas extremidades eram sempre muito ricas (bordadas com gemas e fios de prata e ouro) e eram somente usadas por pessoas de destaque em ocasiões especiais.

Fissura – do latim *Fissum*, fenda.

Flácido – do latim *Flaccidus*, mole, macio.

Flagelo – do latim *Flagellu(m)*, filamento que se move, pequeno chicote.

Foice – do latim *Falx*, foice. Ex: Foice do cérebro.

Folha – do latim *Folium*, folha. Ex: Folhas do cerebelo.

Fontanela – do francês *Fontanelle*, pequena fonte. O mesmo que fontículo. A palavra também pode ter sido derivada do italiano “*Fontanella*”, diminutivo de fonte, através de sua forma popular Fontana. O nome pode estar associado às pulsações no local, ou porque na idade média, os cirurgiões tentavam curar as doenças oculares ou nervosas mais graves cauterizando o ponto onde as suturas, coronal e sagital, se encontram (o local do fontículo anterior ou bregma).

Forame – do latim *Foramen*, abertura, buraco e Foro, *Forare*, furar, transpassar. Uma abertura ou perfuração através de um osso, membrana ou divisão.

Fórnice – do latim *Fornix*, abóboda, arco de porta. O mesmo que fórnix. Ex: Fórnice, no Diencefalo.

Fórnix – do latim *Fornix*, abobada, arco de porta. Era o nome dado pelos arquitetos romanos aos arcos de tijolos ou a um aposento com teto curvo. As prostitutas romanas mais pobres trabalhavam ao ar livre, à noite, debaixo dos arcos dos aquedutos. *Fornix* também era o nome da moradia baixa e abobadada (na realidade um porão úmido), abaixo do rio Tibre, onde elas viviam. Daí, em português a palavra fornicação com sentido sexual, Em anatomia, nomeia especialmente uma estrutura cerebral conhecida por Galeno e descrita por Vesálio.

Fotorreceptor – do grego *Phot*, luz e do latim *Recipio*, receber. Receptor sensível à luz, por exemplo, um cone ou bastonete retiniano.

Fóvea – do latim *Fovea*, cova, poço. Diminutivo de fossa.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Frênico – do grego *Phenikos*, relativo à mente ou ao diafragma. Na *Íliada* *Phren* significava a região do coração ou o próprio órgão. Depois a palavra ficou restrita à região entre o coração e o fígado (região diafragmática) e como esta área era considerada a sede das emoções, do pensamento e da fala, o termo *Phren*, metaforicamente, passou a designar alma, mente.

Frênulo – do latim *Frenulum*, diminutivo de *Frenum*, freio de animal.

Frontal – do latim *Frontalis*, *Frons* ou *Frontis*, da testa.

Fronte – do latim *Frons*, ou *Frontis*, testa.

Funículo – do latim *Funiculus*, diminutivo de *Funis*, corda, amarra. Ex: Funículos anterior e posterior da medula espinal.

Fusifforme – do latim *Fusus*, fuso, roca, *Formis*, em forma de.

Fuso - do latim *Fusus*, fuso, roca.

G

Gálea – do latim *Galea*, casquete de couro, capacete. No exército romano, os centuriões (infantaria) usavam um capacete feito de couro, a *Galea*, que era também o nome de uma bandagem especial para a cabeça. Foi Giovanni Santorini quem primeiro empregou este termo para designar a aponeurose entre os ventres do músculo occipitofrontal.

Gânglio – do grego *Ganglion*, tumor, caroço, inchaço. Hipócrates usava o termo para designar uma tumoração subcutânea, como um cisto sinovial ou lipoma. Galeno utilizava a palavra para plexos de nervos periféricos. Posteriormente ele chamou de gânglios as formações nodulares do tronco simpático. O sentido atual do termo é devido a Raymond Vieussens, conjunto de corpos celulares de neurônios fora da massa encefálica.

Gene - do grego *Gennē*, que gera. Cada uma das unidades dispostas ao longo dos cromossomos que determina a aparição dos caracteres hereditários nos seres vivos.

Geniculado – do latim *Geniculatus*, nodoso, ajoelhado, e *Genu*, nó, joelho. O termo provavelmente foi concebido mais a partir da forma angulosa ou articulada desta parte do corpo (joelho) do que por sua aparência saliente, nodosa.

Giro – do latim *Gyrus*, círculo, volta, giro.

Glândula – do latim *Glândula*, diminutivo de *Glans*, bolota.

Globo – do latim *Globus*, bola, esfera, globo. Diminutivo glóbulo.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Glossofaríngeo – do grego *Glossa*, língua e *Pharyngeo*, relativo á faringe. Gabrielle Fallopio foi o primeiro anatomista a descrevê-lo em detalhes por considerá-lo como um par de nervos individual.

Gnátio – do grego *Gnathos*, mandíbula.

Grácil – do latim *Gracilis*, delgado, esguio.

H

Habênula – do latim *Habenula*, diminutivo *Habena*, correia, rédea. A imagem da glândula pineal e das habênulas sugeriu, na Grécia antiga, o formato da cabeça de um cavalo e as rédeas, visualizadas pelo cavaleiro.

Helicotrema – do grego *Helik(o)*, espira e *Trē(mat)*, buraco. Pequena abertura próxima ao ápice da cóclea onde se comunicam a escala vestibular e timpânica.

Hemicrânia - do grego *Hemi*, metade e *Kranion*, crânio.

Hialino - do grego *Hyalos*, vidro, transparente.

Hiato - do grego *Hiatus*, abertura. Hiato é o nome dado, em anatomia, para aberturas que existem no corpo que permitem a passagem de estruturas.

Hilo – do latim *Hilum*, hilo. Esta palavra era usada pelos romanos para designar o olho negro de uma fava (especialmente o feijão), isto é, a marca do local onde ela ficava aderida à vagem. O termo foi inicialmente aplicado ao rim (provavelmente por causa de sua forma), para o local onde penetravam os vasos sanguíneos.

Hióide – do grego *Hyo*, letra U e *Oides*, forma de. O osso foi descrito por Herófilo e, inicialmente chamou-se *Ipsiloides* (forma da letra Y). É um osso que se situa na parte anterior do pescoço humano. Não está articulado com mais nenhum osso. É apenas suportado pelos músculos do pescoço. Suporta, por sua vez, a base da língua.

Hipocampo – do grego *Hyppokampos*, cavalo marinho; *Hippos*, cavalo e *Kámpos*, monstro marinho. Na mitologia grega, *hippokampos* era o nome dos animais marinhos atrelados ao carro-concha do deus dos mares Poseidon (Netuno, para os romanos). A parte anterior do corpo era em forma de cavalo e a parte posterior exibia uma longa cauda de peixe enrolada. Estes animais

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

eram frequentemente esculpidos nas fontes romanas, sendo considerados de bom agouro. Giulio Cesare Arancio (1560) foi o primeiro a usar o termo para designar o hipocampo do cérebro, talvez pela semelhança deste com a pata do animal mitológico. Plínio usou o mesmo termo para nomear peixes teleosteos (os cavalos marinhos). Uma pequena parte do hipocampo ficou conhecida como “corno de Ammon” e duas são as possíveis explicações para seu nome. Para uns, a secção horizontal da parte posterior do hipocampo assemelha-se a um chifre de carneiro (Ammon era um deus Egípcio representado por uma cabeça de carneiro). Para outros, é epônimo derivado do nome do anatomista que descreveu esta formação em detalhes (Friedrich August Von Ammon – 1799-1861).

Hipófise - do grego *Hypo*, sob e *Physis*, crescimento. Assim denominada por “crescer sob o encéfalo”. A hipófise é uma pequena glândula em forma de ervilha que pende da base do encéfalo, imediatamente inferior ao hipotálamo, situada dentro de uma concavidade do osso esfenoide conhecida como sela turca.

Hipotálamo - do grego *Hypo*, abaixo e *Thalamos*, câmara interna.

Histamina - do grego *Histos*, tecido mais a palavra amina. Esta palavra foi criada para designar certos derivados da amônia. Esta amina é derivada da histidina, e tem ação vaso dilatadora, sendo liberada principalmente por células chamadas mastócitos.

Hormônio - do grego *Horman*, excitar, estimular. Este termo foi criado por Starling e Vesey em 1905, a partir do participio da palavra Hormôn que significa impulsionar. Representa o produto da secreção de certos órgãos de corpo de animais ou de plantas, que, transportado pelo sangue ou pela seiva dos vegetais, excita, inibe ou regula a atividade de outros órgãos ou sistema de órgãos.

I

Infundíbulo - do latim *Infundibulum*, funil, e *L infundere*, derramar, verter. Este termo foi usado por Rufo de Éfeso para qualquer passagem ou estrutura afunilada. Foi Vesálio quem deu este nome à conexão da hipófise ao cérebro, depois adotado por Raymond Vieussens e Thomas Willis. Jean Cruveilhier chamou assim o prolongamento do ventrículo direito que forma o tronco pulmonar (*indundibulum pulmonis*), termo posteriormente modificado por Caspar Wolf para *conus arteriosus* (cone arterioso).

Ínsula – do latim *Insula*, ilha.

Insular – do latim *Insularis*, relativo ou pertencente a uma ilha.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Intermédio – do latim *Inter*, entre e *Medium*, no meio central. Alguns etimologistas alegam que a palavra seria a contração da expressão “*Inter hos medius*”, isto é, o que ficou no meio.

Interno – do latim *Internus*, mais interno, comparativo de *Intus*, dentro.

Intumescência - do latim *Tumescere*, começar e inchar, a aumentar de volume.

Íris - do grego *Íris*, arco-íris ou qualquer círculo colorido brilhante. Na mitologia grega, Íris era a filha de Thaumás e de Electra, e uma das Oceânidas (segundo Hesíodo), a personificação do arco-íris e mensageira dos deuses.

Isquiático – do grego *Skhiadikós*, das ancas, da pelve. *Iskhion*, anca, pelve.

Ísquio – do grego *Ischion*, anca, pelve. Hipócrates chamava *Ischias* às cialgias (ou isquiatalgia). Rufo de Éfeso usou o termo *Ischion* para designar o local onde a cabeça do fêmur gira e, no mesmo século, Galeno dividiu o osso do quadril nas três partes que hoje conhecemos e chamou de *Ischion* a parte mais inferior.

Istmo – do grego *Isthmós*, entrada ou passagem estreita.

J

Joelho – do latim *Genuculu*, diminutivo de *Genu*, Joelho. O equivalente grego é *Gonatos*.

Jugo – do latim *Jugum*, canga, coleira.

Jugular - do latim *Jugulum*, garganta, lugar onde o pescoço se liga aos ombros. O latim clássico possuía a palavra *Jugum*, canga e *Jugulum*, parte do pescoço onde a canga era levada. *Jugum* também designava qualquer objeto colocado transversalmente como a canga (exemplo: viga de porta, travessa, trilho etc). A palavra *Jugularis*, relativo ao *Jugulum* foi introduzida pelo monge beneditino Nicolaus Rubertus, primeiro tradutor latino das obras de Galeno, que inventou o termo como uma tradução livre de “*flebos sphagites*” veia do sacrificio, porque os gregos acreditavam que o sangue que jorrava do pescoço degolado do animal sacrificado provinha da veia e não da artéria. Vesálio chamava-a “*interna jugularis vena*”. A adoção e generalização do termo são frequentemente imputados a Sylvio. O verbo *jugulare* significa degolar e daí a invenção da palavra jugular.

L

Lábio – do latim *Labrum*, lábio, reborda.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Labirinto – do grego *Labyrinthos*, labirinto, confusão. Em termos genéricos, qualquer construção intrincada, com corredores e passagens em meandros. Na mitologia grega, era o nome do conjunto de muros traçado deliberadamente confuso, construído por Dédalos, em Creta, para aprisionar o Minotauro, um monstro metade homem, metade touro, filho do rei Minos. Galeno e Vesálio já conheciam a estrutura, mas foi Gabrielle Fallopio que usou a palavra pra nomear o aspecto intrincado, confuso das cavidades dos órgãos da audição e do equilíbrio. Somente em 1789, Antonio Scarpa descreveu, em detalhes, a orelha interna, na sua obra “*De auditu et olfactu*”.

Lacerado - do latim *Lacerus*, rasgado, lacerado.

Lacrimal – do latim *Lacrima*, lágrima. Possivelmente a palavra latina derivou de um erro de grafia na transcrição da palavra grega *Dacrion*, lágrima, para *Lacrion* e daí *Lacrima*. Galeno, já conhecia a glândula lacrimal e seus ductos, mas somente em 1574, com *Carcanus di Milano* e, em 1662, com Niels Steno (Stensen), os detalhes do aparelho lacrimal foram revelados.

Lambda – do grego *Lambda*, a letra L. O ponto craniométrico que assinala o encontro das suturas sagital e lambóide tem a forma aproximada desta letra.

Lambdóide – do grego *Lambda*, a letra L e *Óides*, forma de.

Lamela - do latim *Lamell*, folha, lâmina, placa.

Lâmina – do latim *Lamina*, lâmina, folha, placa fina.

Lata – do latim *Lattus*, largo extenso.

Lemnisco – do grego *Lemniskos*, fita ou faixa de lã. Celso usava o termo para designar um curativo feito de tiras de linho embebidas em vinagre. O termo latino equivale a *Taenia*.

Lentiforme – do latim *Lenticularis*, como uma pequena lentilha. O mesmo que lentiforme.

Leptomeninge - do grego *Leptos*, delicado, pequeno; *Meninx*, membrana. Corresponde ao conjunto da pia-mater e aracnóide-máter. Este termo apareceu em 1889 (meninges finas) em contraposição a palavra paquimeninge (membranas espessas).

Lobo – do grego *Lobos*, lobo, saliência arredondada.

Lóbulo - do latim *Lobulus*, diminutivo de *Lobus*, lobo.

Locus ceruleus – do latim *Locus*, lugar, local e *Ceruleus*, pardo de cêra.

Lombar – do latim *Lumbalis*, do lombo, e *Lumbus*, região dos rins, lombo.

M

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Mácula - do latim *Macula*, mancha. Este termo foi introduzido pela primeira vez por Von Sömmering em 1848, e reintroduzido por Zimmermann em 1929. Mácula lútea: Mancha amarela na retina, que inclui a fóvea que contém grande quantidade de cones para a percepção das cores.

Magno – do latim *Maguns*, grande, elevado, abundante.

Mastóideo - do grego *Mastos*, mama e *Eidos*, semelhante.

Meato - do latim *Meatus*, canal ou via.

Mediano – do latim *Medianus*, que esta no meio, central.

Medula - do latim *Medulla*, miolo, medula, âmago. A palavra provavelmente deriva de *Medius* e daí “*in médium ossis*” para medula óssea. Em sentido familiar, a palavra nomeava órgãos internos indiscriminadamente (como miúdos em português). Em relação à medula espinal, o termo é a tradução do grego “*Mielos raquites*”, isto é “âmago ou miolo da espinha”.

Melatonina - do grego *Melas*, negro, preto e *Tono*, tensão e *In*, substância química. Este termo foi introduzido por Lerner em 1958 significando uma substância química que estimulava a serotonina produzida pela substância negra do encéfalo. A melatonina (N-acetil-5-metoxitriptamina) é um hormônio produzido em várias partes do corpo humano, tais como retina e glândula pineal. A glândula pineal participa na organização temporal dos ritmos biológicos, atuando como mediadora entre o ciclo claro/escuro ambiental e os processos regulatórios fisiológicos, incluindo a regulação endócrina da reprodução, a regulação dos ciclos de atividade-reposo e sono/vigília assim como a regulação do sistema imunológico.

Meninge - do grego *Meninx*, membrana. O termo *Meninx* era usado pelos gregos para designar vários tipos de membranas ou peles. Erasítrato foi o primeiro a descrever as membranas do encéfalo e medula espinal e Aristóteles divulgou o nome destas lâminas. A palavra grega *Myrinx*, parece ser uma corrupção de *Mininx* e foi utilizada, desde aquela época, para a membrana do tímpano (orelha média). A inflamação da membrana do tímpano é conhecida como miringite.

Mesencéfalo – do grego *Mesos*, meio e *Enkephalos*, encéfalo, cérebro. Termo sugerido por François Chaussier e adotado por Richard Owen e Thomas Huxley.

Mesial – do latim *Mesialis* e *Mesion*, relativo ao meio.

Meso - do grego *Mesos*, meio.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Metabolismo - do grego *Metabole*, mudar e *Ismo*, conjunto. Conjunto de transformações que as substâncias químicas sofrem no interior dos organismos vivos.

Microglia - do grego *Mikros*, pequeno e *Glia*, cola. A micróglia é a menor célula da neuróglia, na realidade são macrófagos que migram para o sistema nervoso e adquirem uma forma especial nessa região.

Mielencéfalo – do grego *Myelos*, medula e *Enkephalos*, encéfalo, cérebro. Thomas Huxley, em 1871, dividiu a parte posterior do encéfalo (chamado rombencéfalo por Wilhelm His) em metencéfalo e mielencéfalo. O mielencéfalo dá origem ao bulbo.

Mielina - do grego *Myelos*, miolo, medula. A mielina foi descrita pela primeira vez em 1854 por Rudolf Virchow. A mielina é uma substância lipídica, de cor verde reluzente e de caráter birrefringente, que faz parte da membrana celular. A mielina está presente na chamada bainha de mielina (formada pelos oligodendrócitos ou células de Schwann), que envolvem os axônios, como se fosse um rocambole, em algumas fibras nervosas. Esta substância faz com que essas fibras tenham uma condução de impulsos nervosos mais rápidos (condução saltatória). As fibras envoltas por mielina são chamadas precisamente mielínicas. As fibras que não possuem um revestimento de mielina chamam-se fibras amielínicas e possuem uma condução de impulso mais lenta.

Morfologia – do grego *Morph*, forma e *Log*, estudo. Parte da biologia que estuda a forma dos seres orgânicos e as modificações e as transformações que nele ocorrem.

Mórula - Diminutivo do latim *Morus*, amora.

N

Neo - do grego *Neos*, novo.

Neocórtex - do grego *Neos*, novo e do latim *Cortic*, córtex. Parte do cortex cerebral, filogeneticamente mais recente.

Nervo - do latim *Nervus*, que significa corda, tendão. A palavra grega correspondente é *Neuron* que pode ter derivado do grego *Neuein*, mancar, cambalear. O equivalente latino de *nutare*. Provavelmente os gregos já sabiam que lesões dos nervos pudessem causar claudicação. Hipócrates usava este termo para designar qualquer estrutura tubular ou filiforme que tivesse aparência esbranquiçada e consistência endurecida e não distinguia entre os atuais nervos e tendões. Foi Aristóteles quem restringiu o termo aos nervos, idéia adotada por Galeno.

Nervoso – do latim *Nervosus*, provido de nervos.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Neural - do grego *Neuron*, nervo.

Neurilema - do grego *Neuron*, nervo e *eilema*, retorcer. Neurilema é uma estrutura anatômica que forma a bainha de alguns nervos. Corresponde a bainha de mielina e membrana basal (análogo ao sarcolema da fibra muscular) que reveste a fibra nervosa.

Neuroblasto – do grego *Neur(o)*, nervo e *Blast(o)*, que forma, germe. Célula precursora da célula nervosa.

Neuroendócrino – do grego *Neur(o)*, nervo; *Endo*, dentro e *Krīn*, secreta. Interação entre o sistema nervoso e endócrino.

Neurogênese - do grego *Neur(o)*, nervo e *Géne-sis*, formação. Formação das células do sistema nervoso central.

Neurógliã - do grego *Neuron*, nervo e *Gliã*, cola. Termo criado por Virchow em 1856 por considerá-las um tecido conjuntivo, de união, que se encosta (cola) nos neurônios. As células da glia, geralmente chamadas neurógliã, nevrógliã ou simplesmente glia (grego para "cola"), são células não neuronais do sistema nervoso central que proporcionam suporte e nutrição aos neurônios.

Neurohipófise – do grego *Neuro*, nervo, *Hypo*, abaixo de, e *Physis*, sulco, crescimento.

Neurologia - do grego *Neuron*, nervo e *Logos*, estudo.

Neurônio – do grego *Neuronon*, diminutivo de *Neuron*, nervo.

Neurópilo – do grego *Neur(o)* nervo e *Pilo*, feltro. Conexões da rede Multineuronal entre axônios, seus colaterais, nos espinhos dendríticos, localizadas na substância cinzenta da medula espinhal ou do córtex cerebral.

Neuroporo - do grego *Neur(o)* nervo e *Por(o)*, poro. Orifício localizado na porção anterior ou posterior do embrião durante a formação do tubo neural.

Neurosensorial - do grego *Neur(o)* nervo e do latim *Sēnsu(m)*, sentido, sensibilidade.

Neutro - do latim *Neuter*, nem um nem outro. Aplica-se geralmente com a significação de "nem ácido nem alcalino".

Neutrocitopenia - do latim *Neuter*, neutro; do grego *Kytos*, célula e *Penia*, escassez.

Neutrófilo - do latim *Neuter*, neutro e do grego *Philein*, gostar. Que tem afinidade para corantes neutros. Tipo de leucócito polimorfonuclear, cujo citoplasma mostra afinidade por corantes neutros.

Nigra – do latim *Nigrum*, negro. A substância negra mesencefálica é chamada assim porque os neurônios localizados no mesencéfalo que a constituem contêm o pigmento escuro melanina, o qual é produzido juntamente com a dopamina. Dessa forma, em um corte do cérebro, esta região se apresentará como uma mancha escura. A substância negra está conectada através de sinapses, com outro grupo de neurônios que constituem os gânglios da base.

Nociceptor – do latim *Noc*, prejudicar, *Cep*, receber, e *Tor*, que faz. Receptor periférico da dor; os nociceptores são terminações nervosas livres que captam a dor.

Nodo – do latim *Nodus*, nó, laçada, saliência. O mesmo que nó.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Nódulo – do latim *Nodulus*, diminutivo do latim *Nodus*, nó laçada, saliência.

Notocorda – do grego *Noton*, *Notos*, dorso e *Chorda*, cordão. Cordão celular maciço disposto ao longo do corpo dos animais cordados, abaixo da medula espinal, que serve de sustentação.

Nuca – do árabe *Nugraf*, parte posterior da cabeça. O termo *Nuchrah* que aparece nos escritos de Avicena, não tinha o sentido restrito de nuca, pois aplicava-se à toda região dorsal central, onde está a coluna vertebral. Somente o termo *Nugraf* é que designava, especificamente, a parte superior desta região (no peçoço). Por provável engano de tradução temos, erroneamente, o termo em latim *nucha*.

Núcleo – do latim *Nucleus*, noz da amêndoa, caroço de oliva. O termo, originalmente, era o diminutivo de *Nux*, noz. Depois passou a designar o corço da fruta. A palavra no seu sentido científico atual (núcleo) foi introduzida por Robert Brown, em 1831, ao descrever o núcleo das células vegetais. No grego a palavra utilizada para núcleo é *Caryon*, no entanto é utilizada somente em termos compostos.

Nucléolo - do latim *Nucleus*, semente, caroço; com o sufixo diminutivo *Olus*. Seria o diminutivo de núcleo, no entanto, em citologia representa uma massa oval dentro do núcleo da maioria das células; responsável pela síntese do RNA ribossômico, desaparece durante a mitose. O nucléolo está associado com regiões de cromatina com ácido desoxirribonucleico (DNA) que emite informações genéticas para a síntese do RNA ribossômico.

O

Óbex – do latim *Obex*, barreira, obstáculo. Designa as pregas medulares colocadas horizontalmente (como uma barreira) no “calamus scriptorum”.

Oblíquo – do latim *Obliquus*, oblíquo, de través, torto.

Oblonga – do latim *Oblonga*, feminino de *Oblongus*, alargado. A terno original, na nomina antômica é *medulla oblongata*, mas deveria ser *medulla prolongata* (medula alongada), pois o termo *oblongatus* não existia no latim clássico. Criado por Lorenz Heister, em 1740, e introduzido por Albrecht Haller em 1750, o termo *oblongata* talvez teria sido derivado do latim *Oblongus*, alargado.

Obturado – do latim *Obturatum*, fechado e *Obturare*, fechar, tapar, obstruir. O mesmo que obturatório.

Occipital – do latim *Occipitium*, parte posterior da cabeça.

Occipúcio – forma corrupta do latim *Occipitium*, occipúcio, parte posterior da cabeça. O termo pode ter sido composto do latim *Ob*, antes, oposto e *Caput*, cabeça, significando a parte da cabeça oposta à frente (o sincipúcio). Note a palavra ocidente, talvez formada erroneamente de latim *Ob*, antes, oposto e *Cadere*, cair, porque é efetivamente o ponto cardeal onde o sol caia.

Olfato - do latim *Olfactus*, ação de cheirar.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Olfatório – do latim *Olfactorius*, farejador e *Olfactare*, cheirar, farejar.

Olho – do latim *Oculus*, olho. O equivalente grego é *Opthalmós*.

Oligo - do grego, *Oligos*, pouco.

Oligodendrócito - do grego, *Oligos*, poucos, *Dendr(o)* arborização e *Kyto*, célula. Célula da neuroglia que tem poucas ramificações.

Oligodendróglia – do grego *Oligo*, escasso, pouco; *Dendr(o)*, arborização e *Glí(ā)*, cola. Conjunto de células da neuróglia que apresentam poucas ramificações.

Oliva – do latim *Oliva*, oliveira, azeitona.

Ontogenia, Ontogênese - do grego *On*, ser e *Genesis*, criação. Desenvolvimento do indivíduo.

Óptica (Óptico) - do grego *Optykós*, relativo a visão e *Opsein*, ver enxergar.

Órbita - do latim *Orbis*, círculo na terra, sulco na terra, linha circular, curso. Em latim, a palavra órbita tinha vários significados: como mostrado acima, mas nenhum deles estava relacionado diretamente com olho ou à órbita, como hoje conhecemos. Em sentido figurado (e poético), órbita dava nome somente à revolução da trajetória lunar. Talvez por dar idéia de movimento circular, tenha o termo sido aplicado ao movimento dos olhos.

Ordéolo - do latim *Hordeolum*, diminutivo de *Hordeum*, cevada. O ordéolo ou tersol assemelha-se um tanto a um grão de cevada.

Orelha – do latim *Oriola*, *Auricula*, diminutivo de *Auris*, orelha. Erroneamente em medicina a palavra orelha é às vezes pouco utilizada, dando-se preferência a “ouvido” que em latim é “*Auditus*” e que tem sentido verbal é o particípio passado do verbo ouvir. Valsava, no seu tratado “*De aure humano*”, em 1704, lançou as bases do moderno conhecimento sobre a audição, descrevendo em detalhes a orelha humana, dividindo-a em partes interna, média e externa. O equivalente grego é *Otós*.

Ossículo - do latim *Ossiculum*, diminutivo de *Os*, osso.

Óstio - do latim *Ostium*, abertura, porta. Originalmente a palavra designava obstáculo, o que fica no caminho, do latim *Obstare*, impedir, obstar. Depois, por transferência semântica passou a designar uma entrada. Alguns etimologistas acreditam que o termo derivou de “*Os*”, rima dos lábios, com o significado de entrada da boca.

Ótico – do grego *Otikos*, relativo a orelha e *Ous* ou *Otos*, orelha externa.

P

Palatino – do latim *Palatinum*, relativo ao palato e *Palatum*, palato. Vesáio foi um dos primeiros a distinguir o palato duro e mole e denominava os ossos do palato como “*Os palati*”, mas o termo palato mole é devido à Falloppio.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Palato – do latim *Palatum*, céu da boca, palato. Esta palavra tem origem incerta. Para uns, estaria associado à *Pascere*, alimentar; para outros, com *Palere*, cercar, murar, ou ainda derivada de *Palatium*, palácio. Os antigos anatomistas gregos não distinguiram entre palato duro e mole: ambos eram nomeados em conjunto como “*Diaphargma oris*”.

Pálpebra - do latim *Palpebra*, que parece provir de *Palpitare*: palpar, mover-se rapidamente. O equivalente grego é *Blépharon*.

Parassimpático - do grego, *Para*, ao lado, de *Syn*, junto com e *Pathos*, afeição, ânimo. Uma das duas partes do sistema nervoso autônomo cujos centros se encontram nas extremidades do eixo cérebro-espinal e cuja ação é antagônica à do sistema nervoso simpático, o sistema nervoso parassimpático participa na regulação dos sistemas, cardiovascular, gastrointestinal e urogenital.

Parênquima - do grego *Para*, ao lado e *Enchyma*, suco. A palavra parece ter sido introduzida em anatomia por Erasistrato e era aplicada a órgãos de consistência macia e sólida, como fígado, baço, rins e pulmões. O termo baseou-se na teoria humoral, muito difundida na época, que alegava ser a substância própria destes órgãos derivada da solidificação de um “derramamento” sanguíneo dentro dos seus espaços, pelas veias que neles adentravam, para formar os espíritos vitais veiculados pelos humores.

Parietal - do latim *Pariet(em)*, parede. Parede de uma cavidade. Ossos do crânio que formam as paredes do mesmo. No estômago existem as células parietais ou oxínticas são as responsáveis pela secreção do ácido clorídrico e do fator antianêmico intrínscio necessário à absorção da vitamina B12.

Parótida - do grego *Para*, ao lado e *Ous*, orelha externa. Jean Riolan reintroduziu o termo *Parotis* para a glândula sem saber que esta palavra já era utilizada por Galeno significando, além do próprio órgão, sua tumoração ou um abscesso na orelha externa. Jean Riolan não reconheceu a natureza glandular da parótida, fato somente constatado por Niels Steno (Stensen) em 1645.

Pedículo - do latim *Pes*, pé e do sufixo diminutivo *Culus*: pequeno pé.

Pedúnculo - A mesma origem de “pedículo”. Foi aventada a hipótese de que Karl von Linnaeus tenha sido o introdutor e inventor desta palavra, para diferenciar os homônimos *Pediculus* (para piolho) e *Pediculus* (diminutivo de pé).

Pelúcido – do latim *Pellucidus*, transparente, diáfano. A forma mais correta desta palavra seria *Perlucidus*, composta de *Per*, através de e *Lucere*, brilhar. Portanto, o mais correto seria *Septum perlucidum*, ou apenas *lucidum*.

Perfurada – do latim *Per*, através de e *Foratus*, furado e *Forare*, furar.

Pericrânio – do grego *Peri*, ao redor de e *Kranion*, cabeça.

Periférico – do grego *Peri*, ao redor de e *Pherein*, levar.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Perineuro – do grego *Peri*, ao redor de e *Neuron*, corda, fibra.

Pescoço – origem incerta. Não há concordância entre os etimologistas quanto à origem desta palavra e as hipóteses são quase todas de difícil acompanhamento etimológico e/ou semântico. Talvez seja derivada do latim *Post* (após, depois de) e *Cocceus* (relativo à concha) ou de *Post*, após depois de e do grego *Kókos*, esfera, ou ainda do latim *Post*, após, depois de e do latim *Coccum*, vermelho escarlate. A palavra anatômica correspondente à pescoço mais utilizada é “colo”.

Petroso – do latim *Petrosus*, pétreo, rochoso e *Petra*, pedra.

Pia-máter – do latim *Pia*, suave, fiel e *Mater*, mãe. A *Pietas* (piedade, caridade) era uma das virtudes capitais para os romanos e sua prática era de suma importância e uma das hipóteses para o termo alega que aos anatomistas antigos a meninge mais interna parecia como uma mãe afetuosa para o cérebro, envolvendo, protegendo-o e nutrindo-o.

Pineal - do latim *Pinea*, pinha de pinheiro. A glândula pineal recebeu esse nome provavelmente pela semelhança que os antigos encontraram entre sua forma e a de uma pinha. Elemento de reprodução dos pinheiros. Esta glândula também é conhecida sob vários nomes, tais como epífise do cérebro, corpo pineal, órgão pineal, conário. O termo glândula deve ser mantido, pois já foi estabelecido que é uma glândula endócrina.

Piramidal - do latim *Pyramidalis*, relativo à pirâmide do bulbo.

Pirâmide – do latim e do grego *Pyramis*, pirâmide. A real origem da palavra é provavelmente egípcia. Os pães no Egito antigo eram denominados de *Pyramis* e apresentavam o formato de uma pirâmide. Alguns etimologistas alegam que *Pyramis* deriva do grego *Pyr*, fogo, porque a forma da pirâmide lembra a de uma pirra ou do grego *Pyros*, trigo, pela forma adotada pelo acúmulo de grãos deste cereal.

Piriforme - do latim *Pirum*, pera e *Forma*, forma.

Pisiforme – do latim *Pisum*, ervilha e *Formis*, em forma de.

Piso-hamato – do latim *Pisum*, ervilha e *Hamatus*, em forma de gancho, adunco.

Pituitária - do latim *Pituita*, secreção mucosa, catarro, goma, resina. No tempo de Galeno julgava-se que a secreção nasal provinha do encéfalo, da hipófise e daí o nome de pituitária que foi dado a essa importantíssima glândula. Foi só no século XVII que se passou a verificar que a secreção mucosa vem do nariz e não da pituitária.

Plexo - do latim *Plexus*, trança. A palavra provavelmente derivou do grego *Plékein*, envolver, enredar.

Podálico - do grego *Pous*, pé. Relativo ao pé.

Poli - do grego *Polys*, muitos.

Procarionte – do grego *Pro*, antes de *Karyo*, semente, núcleo e *Oe*, que faz. Organismo formado pro célulasprocariontes, ou seja, que não contem o envoltório nuclear.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Procariota – do grego *Pró*, antes de e *Karyo*, semente, núcleo *Et(ês)*, próprio de. Palavra criada por Chatton em 1925 para designar um tipo de célula caracterizada principalmente por não apresentar um núcleo diferenciado, apresentando seu material genético livre no citoplasma.

Prócero – do latim *Procerus*, elevado, alto, importante.

Processo - do latim *Processus*, projeção, derivado de *Pro*, para a frente e *Cedere*, ir. Aplica-se este termo aos tecidos ou órgãos que se projetam.

Proeminência – do latim *Proeminentia*, projeção à frente e *Proe*, antes, à frente e *Minere*, projetar. A proeminência laríngea da cartilagem tireóidea da laringe, mais saliente no sexo masculino era conhecida como pomo de Adão. A expressão deriva da idéia de que um pedaço do fruto proibido teria parado na garganta de Adão, lembrando-o sempre, e a seus descendentes, do pecado. Para alguns, a expressão deriva da não tradução da palavra árabe *Adam*, que significa *homem*.

Próprio – do latim *Proprius*, próprio, particular.

Proprioceptor – do latim *Prōpri(um)*, próprio, particular e *Cēp*, receber, colher e *Tōr(em)*, que faz. Receptor sensorial que recebe estímulos internos; especialmente os localizados nos músculos, tendões ou articulações que captam informações sobre a posição e o movimento de aparelho locomotor e os envia ao cérebro.

Prosencéfalo – do grego *Pro*, antes, à frente e *Enkephalos*, encéfalo, cérebro.

Protuberância – do latim *Proe*, antes, à frente e *Tuberis*, tumoração.

Pterigóide – do grego *Pteryx*, asa e *Oidés*, semelhante a. Galeno aplicou o termo “*Pterigoeides apóphysis*” para os processos inferiores do osso esfenóide. Vesálio, embora os chamasse “*Vespertilionum alarum*”, reintroduziu o termo Pterigóides. Os músculos Pterigóides foram descritos e nomeados por Jean Riolan.

Ptério – do grego *Pteryx*, asa. A terminação *Ion* em anatomia provavelmente deriva de *Kranion*, e foi incorporada a vários termos relacionados ao crânio, como *Pterion*, *Asterion*, *Gonion*, *Gnation* etc. O *Ptério* é o ponto craniométrico assinalado pelo encontro dos ossos frontal, parietal, temporal e esfenóide.

Ptialina - do grego *Ptyalon*, saliva.

Pulvinar – do latim *Pulvinar* ou *Pulvinus*, travesseiro, almofada. A palavra também era escrita *Polvinar* ou *Polvinus* e provavelmente derivou do latim *Pulvinulus* (um pequeno banco de areia ou elevação de terra) derivada de *Pulvis* (pó, poeira). Designava também a porção mais elevada (cabeceria) do leito (*Thalamus*).

Pupila - do latim *Pupilla*, diminutivo de *Pupa*, menina. Consta que foi dado tal nome a essa parte do globo ocular porque os objetos do exterior ali se refletem em tamanho muito pequeno, assim como a do observador refletida nela. A palavra também era escrita *Pupulla* e tinha outros significados como aluna, jovem discípula ou órfã menor de idade.

Purkinje – Nome próprio masculino. Johannes Evangelista Purkinje (1787-1869), nascido na Boêmia, foi o primeiro Fisiologista a manter um laboratório em caráter oficial (1842), sendo professor de Fisiologia em Breslau (183-1850) e depois em Praga. Exímio Histologista iniciou os cortes com o micrótomo (antes feitos à navalha) e foi pioneiro no uso do bálsamo na montagem de lâminas e do ácido acético e bicromato de potássio na técnica histológica. Notou a importância

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

das impressões digitais (1823) descreveu as glândulas sudoríparas (1825) e introduziu o termo protoplasma (1839); descobriu também as células do cerebelo (1835) e as fibras subendocárdicas (1839). Células de Purkinje. Estas células estão entre os neurónios maiores no cerebelo, com uma árvore dendrítico muito elaborado, caracterizadas por um grande número de espinhas dendríticas. As células de Purkinje formam a camada de Purkinje, uma camada do cortex no cerebelo, localizada entre a camada molecular e a camada granulosa. As células de Purkinje encontram-se alinhadas como peças de um dominó colocadas uma em frente à outra. Sua árvore dendrítica forma camadas bidimensionais através das quais passam fibras paralelas provenientes das células musgosas localizadas na camada granulosa. As células de Purkinje enviam projecções inibidoras para o núcleo cerebelar profundo, e constituem a única saída de toda a coordenação motora no córtex cerebelar.

Putame – do latim *Putamen*, casca de noz, carapaça de tartaruga.

Q

Q.S. - Abreviatura das palavras latinas "*Quantum Sufficit*", quanto basta. Usada nas receitas médicas.

Queratina – do grego *Kerat*, de textura córnea, e *In*, substância. Sustância protéica muito rica em enxofre, que constitui a parte fundamental das camadas mais externas da epiderme nos vertebrados.

Quiasma - do grego *Chiasma*, duas linhas cruzadas. Também pode vir do termo grego *Schisma*, dividir. O nome da letra grega *Chi* maiúscula é X. O verbo grego *Chiazein* significava marcar um erro, mostrar um engano porque era costume os gregos antigos marcarem os erros à margem de um manuscrito com este sinal.

Quimiorreceptor – do grego *Khymeí*, química e *O*, repetição, com intensidade e *Coger*, recebe e do latim *Tōr(em)*, que faz. Receptores adaptados a estímulos químicos, assim como o paladar, o olfato ou nos corpos carótido ou aórtico.

Quinase (cinase) – do grego *Kīn(ē)*, mover e *Asa*, enzima. Substância enzimática que converte uma pró-enzima em uma enzima, especificamente transferindo um grupo fosforilado do ATP (ou fosfato de alta energia) para outra molécula aceptora.

R

Radiado – do latim *Radiatus*, irradiado, disposto em forma de raios.

Radícula – do latim *Radícula*, diminutivo de *Radix*, raiz.

Rafe – do grego *Raphé*, costura, sutura. Este termo é arcaico, usado nos poemas homéricos no sentido de costura de arreios ou amarras de armaduras. *Raphé* foi traduzida para o latim por Celso, como sutura e seu uso só foi difundido a partir do século XVIII.

Raiz – do latim *Radix*, raiz

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Ramo – do latim *Ramus*, ramo.

Rampa – do latim *Scala*, degraus, escada e *scandere*, subir, trepar. Na nomenclatura anatômica a palavra original é “Scala e foi traduzida para rampa. Na orelha média não há, realmente degraus ou escada (o que mostra a impropriedade do termo). Talvez a palavra sugira, por extensão, a idéia clara de subida das rampas, pois estas se encontram no ápice da cóclea (helicotrema), após ascender desde sua base, embora alguns aleguem que a semelhança adviria da escada circular, em caracol.

Raqui – do grego *Rhaxhi(d)*, espinha, coluna.

Raquideano - do grego *Rhaxhi(d)*, espinha e do latim *Ān-u(m)/-a(m)*, relativo. Que está relacionado com a coluna vertebral ou medula espinal.

Receptor - do latim *Re*, para trás, *Cep*, recebe e *Tor*, que faz. O que faz recepção. Estrutura especializada do organismo, que recebe estímulos e os transmite aos órgãos nervosos correspondentes.

Recesso – do latim *Recessus*, recuado, afastado, espaço.

Redondo – do latim *Teres*, tubo redondo, cilindro. Os músculos redondos maior e menor foram assim denominados por William Cowper, embora não tenham realmente este formato, nem externamente nem em secção.

Ressecção - do latim *Re*, para trás, outra vez e *Sectio*, operação cirúrgica, amputação, cortar fora. O termo *Sectio*, *sectionis* foi utilizado pela primeira vez por Plinius no século I d.C., com o sentido de operação cirúrgica, amputação. O prefixo *Re* neste caso exprime a idéia de repetição, reiteração. Na linguagem médica deve-se preferir ressecção ao invés de resseção, pois corresponde ao inglês *resection*, *résection* em francês e *resección* em espanhol.

Reticular – do latim *Reticularis*, relativo à rede.

Retículo – do latim *Reticulum*, diminutivo de *Rete*, rede.

Retináculo – do latim *Retinaculum*, amarra, correia, e *Retinere*, reter, segurar.

Rinencéfalo – do grego *Rhinion*, relativo ao nariz, ao olfato e *Enkephalos*, encéfalo, cérebro.

Rombocéfalo – do grego *Rhombos*, obtuso, rombudo e *Enkephalos*, encéfalo, cérebro.

Rombóide – do grego *Rhombos*, obtuso, rombudo e *Oidés*, forma de.

Rostro – do latim *Rostrum*, bico de ave, esporão de anjo, objeto pontudo.

Rubro – do latim *Ruber*, vermelho.

S

Sacciforme – do latim *Saccus*, saco, odre e *Formis*, em forma de.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Sáculo – do latim *Sacculus*, diminutivo de *Saccus*, saco, odre.

Safena – origem duvidosa pode ter vindo do grego *Saphena*, visível, claro, ou também do árabe *Al-safin*, secreto, escondido. O termo pode ter derivado da visibilidade óbvia das veias da perna, manifestada comumente pelas varizes. Mas esta palavra grega não tinha aplicação em anatomia e nem à veia em questão. A palavra “*al-safin*” (escondido, secreto) aparece nos textos de Avicena nomeando as veias do membro inferior e possivelmente os tradutores usaram, por homofonia, a palavra grega inadequada.

Sagital - do latim *Sagitta*, seta, dardo. Dai significar: 1º - em forma de seta. 2º - reta, em direção ântero-posterior. Parece que a idéia de comparar esta sutura com um dardo vem da sua descrição nos trabalhos de *Ibn Jami*. O termo “sagital” foi introduzido por Henle e dado à sutura interparietal por causa de sua forma, semelhante a uma seta.

Sarcolema - do grego *Sarx*, carne e *Lemma*, folha, membrana fina. Membrana muito fina que envolve por completo cada uma das fibras musculares. Corresponde à membrana celular das fibras musculares

Sarcômero - do grego *Sarx*, *Sarkos*, carne e *Meros*, parte. Unidade estrutural e funcional das fibras musculares estriadas. Segmento da miofibrila, que se repete ao longo dela, e de cuja contração resulta no encurtamento da fibra muscular.

Sarcoplasma - do grego *Sarx*, *Sarkos*, carne e *Plás-m(a)*, líquido constituinte. Citoplasma das células musculares.

Sarcosoma - do grego *Sarx*, *Sarkos*, carne e *Sōm(a)*, Corpúsculo celular. Corresponde as mitocôndrias presentes no citoplasma das fibras musculares.

Sartório – do latim *Sartor*, alfaiate. O músculo recebeu este nome por causa de sua ação flexora e adutora da perna e, ao mesmo tempo, rotadora lateral, fazendo com que uma perna cruze sobre a outra, na típica posição de costura adotada pelos alfaiates romanos.

Seio - do latim *Sinus*, bolso, vaso, vela de barco, arco, espaço oco. Como se pode observar a palavra *Sinus* em latim, tinha diversas conotações diferentes, todas elas com o sentido “oco, escavado” ou “encurvado e saliente”.

Sela – do latim *Sella*, cadeira, e *Sedere*, sentar.

Semilunar – do latim *Semi*, metade, meio e *Lunaris*, lunar, relativo à lua.

Sensitivo – do latim *Sensitivus*, sensível, emotivo, impressionável.

Sensorial – do latim *Sensorialis*, relativo aos sentidos, à sensibilidade. O termo deriva do latim tardio (medieval) “*Sensorium*”, significando local das sensações, cunhado por Boécio.

Septo – do latim *Septum*, cerca de madeira, tapume, e *Sepire*, cercar. Originalmente a palavra era *Saeptum* (cercado) e *Saepire* (cercar com sebe). Na antiga Roma, o *Saepta* (plural, *Septorum*) era um recinto cercado onde os cidadãos eram encerrados por centuriões e de onde saíam para votar, um de cada vez. Passou por extensão, em anatomia, a designar uma parede divisória.

Sesamo – do grego *Sēsamom*, planta ou semente de gergelim.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Sesamóide – do grego *Sesamen*, gergelim e *Oidé*, forma de. Por causa da semelhança entre estes pequenoso ossos e as sementes do gergelim.

Simpático – do grego *Sympathetikos*, simpático e *Syn*, junto com e *Pathos*, afeição, ânimo. Galeno admitia que o tronco simpático fosse apenas uma parte do nervo vago, devido provavelmente às comunicações deste como os primeiros gânglios cervicais. Vesalio embora tenha-lhe reconhecido a natureza diversa, continuou achando-o dependente daquele nervo. Thomas Willis foi o primeiro anatomista a perceber a real essência do tronco simpático, atribuindo-lhe este nome por causa de suas comunicações com quase todos os nervos do corpo. Durante séculos, a parte simpática do sistema nervoso autônomo recebeu também os nomes de *Nervus Magnus Harmonicus* e *Nervus Consensualis Magnus*.

Sinapse - do grego *Syn*, junto e *Haptein*, tocar. Esta palavra foi criada para significar o ponto de contato dos neurônios.

Sinaptonêmico – do grego *Sýn*, união, junto; *Hap*, tocar, estar em contato e *Nē-m(a)*, fio. Estrutura proteica que ocupa a zona intermediária entre os cromossomos em sinapse no zigóteno.

Sincício - do grego *Syn*, junto e *Kyto*, célula. Uma célula ou massa protoplasmática com inúmeros núcleos.

Síndrome – do grego *Sýn*, com, Junto, união e *Drom(o)*, carreira. *Syndromē* foi utilizado inicialmente por Galeno para significar tumulto. Este termo foi reintroduzido em 1519 com o significado atual para designar um conjunto de sintomas e sinais que ocorrem em uma mesma patologia e que em seu conjunto definem o diagnóstico e o quadro clínico de uma condição médica. Síndrome não é doença, é uma condição médica.

Sínfise -- do grego *Synphisis*, crescer junto. *Syn*, junto, com e *Physis*, sulco, crescimento.

Sinóvia - do grego *Syn*, com e do latim *Ovum*, ovo. A sinóvia tem aparência de clara de ovo. O termo foi introduzido por Paracelso, provavelmente pela semelhança de cor e consistência do líquido articular com a clara do ovo. Mas ele usava a palavra sinovia também para designar qualquer fluído corporal claro (líquido pleural, peritoneal e cerebrospinal).

Sóleo – do latim *Solea*, sola de sandália, sôlha (peixe achatado). Seu nome provém provavelmente da forma semelhante à solha, um peixe de corpo achatado (*Pleuronectus solea*).

Somático – do grego *Somatykos*, somático, relativo ao corpo. Os médicos gregos tinham sua doutrina apoiada na divisão do corpo humano, filosoficamente, em três partes: *Soma*, *Phrén* e *Psyché* (corpo, mente e alma). Usavam a palavra *Somatykos* (do corpo) em oposição à *Phrenykos* (da mente) mas não à *Psychikos*. A *Psyché* não era considerada como geradora de doenças, na Medicina grega.

Subdural – do latim *Sub*, baixo de; *Dūra(m)*, dura e *Mātre(m)*, mãe. O que se localiza abaixo da dura-máter.

Subtálamo - do latim *Sub*, abaixo, sob e do grego *Thalam*, leito nupcial. Pequena área que fica na região posterior do diencéfalo, inferior ao sulco hipotalâmico, na transição do mesencéfalo com o diencéfalo. Sua principal estrutura é o núcleo subtalâmico.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Suco – do latim *Sūcu(m)*, suco, secreção.

Sulco – do latim *Sulcus*, fenda, greta.

Sutura - do latim *Sutura*, costura, alinhavado.

T

Tálamo – do grego *Thalamos*, quarto de dormir, câmara interna. Para os gregos, o *thalamos* era o principal quarto da casa, onde geralmente o casal dormia. Também dava nome ao leito nupcial, a qualquer cômodo interno, a toda uma nova moradia ou a templos.

Talassemia – do grego *Thalassa*, mar, e *Haemas*, sangue. Com esta palavra, os médicos queriam descrever uma doença do sangue cuja origem está nos países banhados pelo mar, e mais precisamente no Mediterrâneo, como Itália e Grécia. É uma doença hereditária onde a medula do talassêmico produz os glóbulos vermelhos menores e com menos hemoglobina (componente dos glóbulos vermelhos responsável pelo transporte de oxigênio no nosso corpo), o que causa a anemia.

Tálus – do latim *Talus*, tornozelo, dado de jogar. O mesmo que astrágalo.

Tectal – do latim *Tectalis*, relativo ao teto, à cobertura. O mesmo que teto.

Tecto – do latim *Tectum*, teto, cobertura e *Tegere*, proteger, cobrir. O mesmo que teto.

Tectória – do latim *Tectória*, que serve de teto, de cobertura.

Tegmento - do latim *Tegme*, cobertura revestimento e *Tegere*, proteger, cobrir. O mesmo que tegme.

Tegumento - do latim *Tegumen*, *Tegumentu*, coberta externa, revestimento externo. Aquilo que reveste externamente uma estrutura. Atualmente tegumento comum na nomina histológica refere-se ao estudo da pele e dos seus anexos.

Tela – do latim *Tela*, teia, trama. O termo tela deriva do latim *Texere*, tecer, entrelaçar, provavelmente pela costureira elipse do X no meio das palavras latinas (como em maxila – mala e axila – ala) e designava tanto o tear (engenho) como o produto dele retirado (tecido). Vide o termo tecido.

Telencéfalo – do grego *Telos*, fim, extremidade e *Enkephalos*, encéfalo, cérebro.

Telodendro – do grego *Tel(o)*, longe, afastado, fino e *Dendr(o)* arborização. Ramificação do neurônio que tem poucas ramificações.

Tenda – do latim *Tentum*, tenda, pavilhão, barraca. O mesmo que tentório.

Tentório – do latim *Tentorium*, tenda, pavilhão, barraca. O mesmo que tenda.

Terminação – do latim *Terminatio*, delimitação, fixação de limites.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Tetal – do latim *Tectalis*, relativo ao teto, à cobertura. O mesmo que teto.

Teto – do latim *Tectum*, teto, cobertura e *Tegere*, proteger, cobrir. O mesmo que teto.

Timo - do grego *Thymon*, folha de erva chamada de tomilho.

Tímpano - do grego *Tympanon*, membrana ou tambor. A palavra grega *Myrinx* aparece ser uma corrupção de *Menix* e foi utilizada na Grécia Antiga, para a membrana do tímpano. Foi Falloppio que denominou a cavidade e a membrana da orelha média, em conjunto de *Tympanum*, por causas da semelhança de forma com um tambor, feito de cepo oco de madeira, coberto com couro em um dos lados.

Tonsila - do latim *Tonsilla*, amígdala.

Trago – do grego *Tragos*, bode, cabra.

Transversal – do latim *Transversalis*, oblíquo, atravessado. O mesmo que transverso.

Transverso – do latim *Transversus*, atravessado, oblíquo.

Trato – do latim *Tractus*, esticadura, puxão e *Trahere*, puxar, esticar.

Trigêmeo – do latim *Tres*, três, e *Geminus*, gêmeo, duplo. O quinto par de nervos cranianos foi descrito por Gabrielle Falloppio e Johann Meckel e foi chamado nervo trifacial por François Chaussier. O nome atual foi dado por Jacob Winslow, por causa de suas três divisões.

Trígono – do latim *Trigonum*, triângulo.

Tróclea – do latim *Trochlea*, polia. A *trochlea* romana, palavra derivada do grego *Trochilea*, polia, era um dispositivo mecânico usado para erguer pesos que girava num eixo horizontal e não como a tróclea do úmero, que é fixa. Outra tróclea, a do músculo oblíquo superior do olho, nomeado por Arancio em 1587, também não se aprece com o mecanismo romano, sendo apenas uma faixa fibrosa através do qual o tendão do músculo altera sua direção. Galeno usou o termo *Trochilodes*, derivado do grego *Trochos*, roda, provavelmente significando arredondado ou no qual algo é rodado; Este termo foi substituído por Orobasio, para *Trochilea*, que foi trasncrito como *Trochlea*.

Trocóide – do grego *Trochos*, roda e *Oidès*, semelhante a.

Tronco – do latim *Truncus*, tronco de árvore ou do corpo humano.

Tuba – do latim *Tuba*, trombeta, corneta e do grego *Salpinx*. Foi dado este nome ao órgão devido a sua semelhança com uma corneta, utilizada em guerra. Antigamente, a tuba uterina recebia o nome de 'Trompas de Falópio', o qual foi dado em homenagem ao seu descobridor, o anatomista italiano do século XVI, Gabriele Falloppio. Hoje em dia, os epônimos não são mais usados na literatura médica, sendo substituídos por outros termos anatomicamente corretos. Existem ainda outras tubas, tais como a tuba auditiva também designada com trompa de Eustáchio.

Túber – do latim *Tuber*, tumor excrescência. O mesmo que tuberosidade.

Tubérculo – do latim *Tuberculum*, diminutivo de Tuber, tuberosidade, excrescência.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Tuberosidade – do latim *Tuberositas*, tumor, excrescência. O mesmo que túber.

Tubo - do latim *Tubus*, canal ou tubo.

Túbulo - Diminutivo do latim *Tubus*, tubo.

Túnica - do latim *Tunica*, vestimenta, película, camada ou cobertura.

Turca – do latim *Turcica*, feminino de *Turcicus*, da Turquia, turco. Sela turca.

U

Unciforme – do latim *Uncus*, gancho, âncora e *Formis*, em forma de. O mesmo que uncinado.

Úncus – do latim *Uncus*, gancho, âncora.

Ungueal – do latim *Ungu(em)*, unha. Relativo a unha.

Unguento - do latim *Unguere*, ungir, esfregar.

Uvea - do latim *Uva*. Camada vascular do fundo do olho.

V

Vago - do latim *Vagus*, errante, indeciso que vai ter a vários lugares. O termo provavelmente foi formado pelo fato de que ao contrário dos outros nervos cranianos, que apenas suprem a cabeça, o nervo vago espalha-se por todo o corpo, “vagando” por uma série de órgãos. Atualmente o sentido que se tenta dar a esta palavra é de que os ramos do nervo vago se estendem a longa distância e ramificam-se profusamente, mas não era este o significado da palavra *Vagus* entre os romanos, que devem tê-lo assim nomeado porque parecia insinuar-se, aqui e ali, entre os órgãos. O nervo foi descrito por Marinus e Galeno já o conhecia. Johann Meckel chamou-o “nervo pneumogástrico” e este nome, traduzido literalmente para o francês por Francois Chaussier, persistiu até o século passado.

Valécula – do latim *Vallecula*, diminutivo de *Vallis*, vale, fosso.

Valva – do latim *Valva*, cada uma das folhas de uma porta dupla ou as conchas duplas de um molusco.

Vasa vasorum – do latim *Vasa*, vasos e *Vasorum*, dos vasos.

Verme – do latim, *Vermis*, verme minhoca. Galeno deu este nome à estrutura cerebelar, por causa da forma semelhante.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Vértebra - do latim *Vertebra*, articulação da espinha, originada de *Vertere*, girar. Celso usava, indiscriminadamente, a palavra para designar as articulações e os ossos da “espinha dorsal” e dividiu as vértebras em cervicais e lombares. Galeno distinguiu-as do sacro e cóccix. Vesálio nomeou as partes da vértebra *Corpus*, *Processus transversus*, *Spinae*, *Processus articuli ascendens* e *descendens*. “*Spína*” tornou-se *Processus spinosus*.

Vertical – do latim *Verticalis*, relativo ao vértice.

Vértice – do latim *Vertex*, sorvedouro, o ponto mais alto. O mesmo que vórtice.

Vertigem - do latim *Vertere*, girar.

Vesical – do latim *Vesicalis*, relativo à bexiga urinária.

Vesícula - do latim *Vesica*, diminutivo de *Vesica*, bexiga.

Vestíbulo – do latim *Vestibulum*, vestibulo, antecâmara.

Vestíbulo-coclear – do latim *Vestibulum*, vestibulo, antecâmara e *Cochlearis*, relativo à cóclea.

Véu – do latim *Velum*, véu, reposteiro, cortina.

Visão – do latim *Visio*, visão e *Videre*, ver.

Visual – do latim *Visualis*, relativo à visão.

Vítreo – do latim *Vitreus*, de vidro, transparente e *Vitrum*, vidro.

Vômer – do latim *Vomer*, relha, lâmina do arado ou *Vomere*, vomitar. Na Roma antiga, a lâmina do arado (relha) era chamada *Vomer*, o nome do osso pode ser associado à sua forma ou porque o movimento da terra sulcada pelo instrumento lembrava o ato de vomitar. Inicialmente tido como parte do etmóide, foi nomeado separadamente por Gabrielle Falloppio e Realdo Colombo, que o chamaram “*aratri vomer imitatur*” (imitando a lâmina do arado).

Vórtice – do latim *Vortex*, sorvedouro, o ponto mais alto. O mesmo que vértice.

X

Xantina - do grego *Xanth (os)*, amarelo e *În(a)*, substância química.

Xifóide - do grego *Xiphos*, espada e *Eidos*, semelhante, forma de. A palavra foi introduzida por Aristóteles para designar um osso em forma de espada encontrado em moluscos. Anteriormente, era conhecido como *Xifisternum*. Posteriormente, passou a designar esta parte do osso humano.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

Z

Zigoapofisário – do grego *Zygas*, par, casal, cópula e *Apo*, longe de, além e *Physys*, sulco, crescimento.

Zigomático – do grego *Zygomatikos*, unido, ligado e *Zygas*, par, casal, cópula. O osso foi assim designado por Galeno. Celso usava “*Os Jugule*”. André Laurentius, em 1595, no seu tratado de anatomia reintroduziu a palavra *Zygoma* utilizada por Galeno, com significado de “maça do rosto”.

Zigoto - do grego *Zygōtus*, “canga de bois”, com o significado de “unido dois a dois”, conjugado. Célula ovo que resulta da fusão de um gameta masculino (espermatozoide) com outro feminino (ovócito).

Zoster - do grego *Zoster*, faixa, cinto ou cinturão.

Principais prefixos gregos:

a, an - privação: acloridria, afasia, anaeróbio, analgésico
an, ana - para cima, para trás: anionte, anaplasia
ana - de novo: anamnese, anastomose
anti - contra: antiemético, antídoto, antissepsia
apo - separação, derivação: apócrino apófise, aponeurose
dia - através de: diagnóstico, diafragma, diarréia, diáfise, diálise
dis - dificuldade: disfagia, dispnéia, dislalia, distrofia, disúria
ecto - fora de, exterior: ectoderma, ectópico, ectoparasito
endo - dentro, parte interna: endocárdio, endógeno, endotélio
epi - sobre: epiderme, epidemia, epífise, epidídimo
eu - bem, bom: euforia, eugenia, eutanásia
exo - para fora, externo: exoftalmia, exosmose, exógeno
hemi – metade: hemisfério, hemiplegia, hemicrania, hemiclectomia
hiper - aumento, excesso: hipertrofia, hipertonia, hiperglicemia
hipo - diminuição ou posição abaixo: hipocloridria, hipocôndrio
iso - igualdade: isotérmico, isogênico, isótopo, isotônico
meta - mudança, sucessão: metamorfose, metafase, metacarpo
neo - novo: neoplasia, neoformação, neologismo
oligo - pouco: oligospermia, oligúria, oligofrênico
orto - reto, direito: ortognata, ortopedia, ortodontia
pan - todo: pancardite, pangastrite, pandemia, pan-hipopituitarismo
pen - escassez, pobreza: citopenia, leucopenia, linfopenia
para - proximidade: parasito, paratiróide, paramétrio, paranormal

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

peri - em torno de: periarticular, periférico, peritônio, pericárdio
poli – muito: policitema, polidipsia, polimenorréia, poliúria
pro - anterioridade: prognóstico, proglote
sin - idéia de conjunto, simultâneo: síndrome, sincrônico, sincício.

Principais prefixos latinos:

ab, abs - separação, afastamento: abscesso, abstinência
ad - aproximação, adição: adsorção, adstringente
ante - anterioridade, para frente: antebraço, anteflexão
co, con - companhia: co-autor, congênere
contra - oposição: contraceptivo, contralateral
de, des - sentido contrário, separação: desinfecção, degeneração, desnervação, dessensibilização
en - introdução, mudança de estado, revestimento: encarcerar (hérnia), envenenar, envolver
ex - para fora: exfoliativa (citologia), exsudato
in - introdução, para dentro: intubação, invaginação
inter - posição intermediária, reciprocidade: intersexualidade, interação
intro - para dentro: introversão, introspecção
per - durante, através: peroperatório, peroral
pós, post - depois, em seguida: pós-operatório, post mortem
pre - antecedência, posição anterior: pré-coma, pré-frontal
pro - para diante (não confundir com igual prefixo grego): pronação, protrusão
re - repetição, volta, intensidade: repolarizar, refluxo, reforçar
retro - atrás, para trás: retroperitônio, retroversão, retroalimentação
semi – parcialmente, incompleto: semicírculo, seemicúpio, semimorto
sobre - super, supra - posição acima, intensidade: sobrepor, supercílio, suprapúbico, superinfecção
sub - posição inferior, ação incompleta: subconsciente, subagudo, subliminar
trans - através, além: transmural, transaminase, transexual.

Profa. Dra. Sandra de Quadros Uzêda

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bridge EM. Pedagogia médica, 1965, p. 141.

Bueno FS. Grande dicionário etimológico prosódico da língua portuguesa. Editora Brasília, São Paulo, 1974.

Coutinho IL. Pontos de gramática histórica, 1962.

Dorland's Illustrated Medical Dictionary. 28th ed., 1994.

Fernandes GJM. Eponímia: glossário de termos epônimos em anatomia. Etimologia: dicionário etimológico da nomenclatura natômica. Editora Plêiade, São Paulo, 1999.

Garnier M, Delamare V. Dicionário de termos técnicos de medicina. 2ª ed., 1984.

Houaiss A. Estudos vários sobre palavras, livros, autores, 1979.

Paciornick P. Dicionário médico. 2ed. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1975.

Pepper OHP. Medical etymology. Editora Saunders, Philadelphia, 1949.

Poppelmann C. Dicionário de máximas e expressões em latim. Editora Escala, 2010.

Rezende, JM. Linguagem Médica. AB Editora e Distribuidora de Livros Ltda, 2000.

SBA Terminologia anatômica, terminologia anatômica internacional. Editora Manole, São Paulo, 2001.

Silveira S. Lições de português. 1960.

Skinner HA. The origin of medical terms. Baltimore. Williams & Wilkins, 1963.

Sousa AT. Ensaio de uma tradução portuguesa da nomina histológica aprovada no IX Congresso internacional de anatomia. Leningrado. Editora Coimbra, Portugal, 1970.